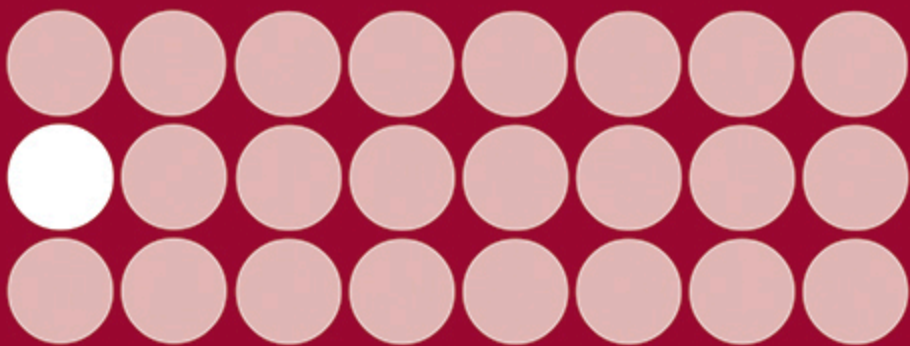


1 e 2 Reis

Introdução
e comentário

Donald J. Wiseman



·SÉRIE CULTURA BÍBLICA·



VIDA NOVA

SUMÁRIO

PREFÁCIO GERAL	7
PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS	9
PREFÁCIO DO AUTOR	11
ABREVIATURAS PRINCIPAIS	13
INTRODUÇÃO	17
I. O valor dos livros de Reis	17
II. Temas e teologia	19
III. Cronologia	26
IV. Evidência arqueológica	34
V. Fontes	38
VI. Forma literária	44
VII. Composição e autoria	49
VIII. Texto	54
ANÁLISE	57
COMENTÁRIO	63
NOTAS ADICIONAIS	
Lugares altos	76
Sabedoria	78
O homem de Deus	127
Reformas de Josafá	168
Hazeel	188

PREFÁCIO GERAL

O objetivo desta série de comentários sobre o Antigo Testamento, tal como aconteceu nos volumes equivalentes sobre o Novo Testamento, é oferecer ao estudioso da Bíblia um comentário atual e prático de cada livro, com a ênfase principal maior na exegese. As questões críticas mais importantes são discutidas nas introduções e notas adicionais, ao passo que detalhes excessivamente técnicos são evitados.

Nesta série, cada autor possui, naturalmente, plena liberdade para apresentar suas próprias contribuições e expressar seu ponto de vista pessoal em todas as questões controvertidas. Dentro dos limites necessários de espaço, eles muitas vezes procuram chamar a atenção para interpretações que eles mesmos não endossam, mas que representam conclusões defendidas por outros cristãos sinceros.

Nos livros de Reis, a história do povo de Deus continua a ser contada. Esses livros abrangem um período que vai desde a época do reino unido, sob a liderança de Davi e Salomão, à sua trágica divisão em dois reinos, Israel e Judá, chegando até suas respectivas quedas e, por fim, ao exílio. Neles estão retratados os reis que procuraram governar segundo a lei de Deus, contando sempre com o encorajamento ou a exortação de uma longa linhagem de profetas, desde Elias a Jeremias. A história concentra-se nas figuras de Salomão, Ezequias, Josias de Judá e Acabe de Israel. Porém, nessa porção singular do relato histórico da Bíblia, também somos apresentados a muitos outros indivíduos cuja participação foi fielmente registrada para o conhecimento das futuras gerações.

No Antigo Testamento em particular, nenhuma tradução sozinha consegue refletir o texto original. Os autores desta série utilizam livremente várias versões ou oferecem a sua própria tradução. Onde necessário, as palavras do texto aparecem transliteradas, para ajudar o leitor que não esteja familiarizado com as línguas semíticas a identificar precisamente a palavra em questão. Presume-se, a cada passo, que o leitor tenha livre acesso a uma ou mais versões fidedignas da Bíblia.

O interesse no significado e na mensagem do Antigo Testamento continua constante, e esperamos que esta série venha a incentivar o estudo sistemático da revelação de Deus, de sua vontade e de seus caminhos registrados nas

Escrituras. A oração do editor e dos publicadores, bem como dos autores, é que estes livros ajudem muitos a entender a Palavra de Deus e a lhe prestar obediência nos dias de hoje.

D.J.Wiseman

PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Todo estudioso da Bíblia sente a falta de bons e profundos comentários em português. A quase totalidade das obras que existem entre nós peca pela superficialidade, tentando tratar o texto bíblico em poucas linhas. A Série Cultura Bíblica vem remediar esta lamentável situação sem que peque, de outro lado, por usar de linguagem técnica e de demasiada atenção a detalhes.

Os comentários que fazem parte desta coleção são ao mesmo tempo compreensíveis e singelos. De leitura agradável, seu conteúdo é de fácil assimilação. As referências a outros comentários e a notas de rodapé são reduzidas ao mínimo, mas nem por isso são superficiais. Reúnem o melhor da perícia evangélica (ortodoxa) atual. O texto é denso de observações esclarecedoras.

Trata-se de obra cuja característica principal é a de ser mais exegética do que homilética. Mesmo assim, as observações não são de teor acadêmico. E muito menos são debates infundáveis sobre minúcias do texto. São de grande utilidade na compreensão exata do texto e proporcionam assim o preparo do caminho para a pregação. Cada comentário consta de duas partes: uma introdução que situa o livro bíblico no espaço e no tempo e um estudo profundo do texto, a partir dos grandes temas do próprio livro. A primeira trata as questões críticas quanto ao livro e ao texto. Examinam-se as questões de destinatários, data e lugar de composição, autoria, bem como ocasião e propósito. A segunda analisa o texto do livro, seção por seção. Atenção especial é dada às palavras-chave, e a partir delas procura-se compreender e interpretar o próprio texto. Há bastante “carne” para mastigar nestes comentários.

Com preços moderados para cada exemplar, o leitor, ao completar a coleção, terá um excelente e profundo comentário sobre todo o Antigo Testamento. Pretendemos, assim, ajudar os leitores de língua portuguesa a compreenderem o que o texto veterotestamentário de fato diz e o que significa. Se conseguirmos alcançar este propósito seremos gratos a Deus e ficaremos contentes, porque este trabalho não terá sido em vão.

Richard J. Sturz



PREFÁCIO DO AUTOR

Os livros de Reis são a única fonte da história de Israel que cobre os últimos dias da monarquia unida sob Davi até a queda e subsequente divisão dos reinos de Israel (com a captura de samaria em 722 a.C.) e de Judá (com o saque de Jerusalém em 587 a.C.). Sem estes livros, e os relatos parcialmente paralelos de Crônicas, nosso conhecimento sobre como Deus lidou com seu povo no desenrolar do primeiro milênio antes de Cristo seria extremamente limitado.

Não é possível, num espaço limitado, citar os muitos estudiosos aos quais sou devedor. Estamos hoje bem servidos por comentários completos, modernos (em língua inglesa), aos quais me refiro citando o sobrenome do autor (p. ex., Jones [1984]). Nesses trabalhos exaustivos encontram-se argumentações mais detalhadas, especulações teóricas sobre aditamentos do texto e algumas emendas conjecturais sobre o texto que existem em profusão nesses estudos modernos. Apesar de as notas deste estudo destacarem algumas das conclusões deles, sua própria base é o texto da Escritura recebido em nossos dias. O objetivo geral deste comentário, bem como de toda a série, é tornar o texto mais compreensível para os não-especialistas. Há, entretanto, um sentido no qual todo comentário sobre um historiador que escreve a respeito de acontecimentos muito próximos de seus dias pode ser considerado supérfluo.

Incluí neste comentário ênfases que contrariam minhas preferências. Entre elas encontram-se aspectos de descobertas arqueológicas relacionadas com a Bíblia, porque estas têm sido meu principal interesse e o trabalho de minha vida. Tentei também, com exceção de quando julguei necessário, não citar o nome divino inefável (em consoantes hebraicas “YHWH”, comumente pronunciadas “Javé”, mas que são impronunciadas e impronunciáveis), em lugar de “SENHOR”. Este procedimento segue a antiga prática de aplicar ao tetragrama as vogais da palavra “Senhor” (adonai), daí a origem da interpretação (“Jeová”). O Deus único é identificado de inquestionável e inequívoca.

Todos os leitores de nossos dias necessitam estudar esta história, de caráter majoritariamente biográfico, que nos apresenta uma figura vívida da existência pessoal e nacional, e da forma pela qual Deus agia em ambas as instâncias. Sua revelação franca dos triunfos e das tragédias do povo de Deus é extremamente relevante para nós hoje. Tudo isso foi registrado como exemplo para evitar que coloquemos o coração em determinadas coisas como certas

personagens bíblicas o fizeram. Todas essas coisas também foram escritas como advertências, para não imaginarmos que estamos mais firmes do que eles; precisamos prestar atenção para não cairmos (1Co 10.6,11). Ao mesmo tempo, elas foram registradas para nos auxiliar, bem como aos primeiros leitores, a fim de suportarmos os tempos de provação, e para encorajar-nos a confiar e esperar no mesmo Deus imutável. Muitos dos acontecimentos e das personagens apresentados são transportados para o Novo Testamento, possuindo, portanto, importância contínua.

Meus agradecimentos são dirigidos, em primeiro lugar, e em especial, a minha mulher, Mary, por sua paciência resignada e compreensão por mais de quarenta anos. Muito desse tempo foi preenchido com meu trabalho acadêmico, traduções da Bíblia e com o trabalho de edição desta série. Também recebi apoio e encorajamento contínuos da InterVarsity Press, mediante sua equipe. Agradeço também a Ruth Holmes por aliviar a minha carga ao ter decifrado meu manuscrito e tê-lo datilografado, e também a Alan Millard e Bruce Winter da Tyndale House pela ajuda relativa às referências bibliográficas.

Este livro é acompanhado de uma oração para que ele possa ajudar a todos nós sermos fiéis ao Senhor e à sua Palavra.

Donald J. Wiseman

ABREVIATURAS PRINCIPAIS

<i>ANEP</i>	<i>The Ancient Near East in Pictures</i> , editado por James B. Pritchard (Princeton: Princeton University Press, 1954).
<i>ANET</i>	<i>The Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament</i> , editado por James B. Pritchard (Princeton: Princeton University Press, ² 1955, ³ 1969).
<i>AOAT</i>	<i>Alter Orient und Altes Testament</i>
<i>ARAB</i>	<i>Ancient Records of Assyria and Babylonia</i> , D. D.
<i>BA</i>	<i>Biblical Archaeologist</i>
<i>BASOR</i>	<i>Bulletin of the American Schools of Oriental Research</i>
<i>BDB</i>	F. Brown, S. R. Driver e C. A. Briggs, <i>A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament</i> (Oxford: Oxford University Press, 1906)
<i>Bib.</i>	<i>Biblica</i>
<i>Bi.Or.</i>	<i>Bibliotheca Orientalis</i>
<i>BSOAS</i>	<i>Bulletin of the School of Oriental and African Studies</i>
<i>CAD</i>	<i>The Chicago Assyrian Dictionary</i>
<i>CBQ</i>	<i>Catholic Biblical Quarterly</i>
<i>DITAT</i>	<i>Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento</i> de R. Laird Harris <i>et al.</i> (São Paulo: Vida Nova, 1998). (TOTC)
<i>DOTT</i>	D. Whinton Thomas (ed.), <i>Documents of Old Testament Times</i> (London: Nelson, 1958)
<i>EI</i>	<i>Eretz Israel</i>
<i>EQ</i>	<i>Evangelical Quarterly</i>
<i>Exp.T.</i>	<i>Expository Times</i>
<i>HUCA</i>	<i>Hebrew Union College Annual</i>
<i>IBD</i>	<i>The Illustrated Bible Dictionary</i> (Leicester, IVP, 19??)
<i>IDB</i>	<i>Interpreter's Dictionary of the Bible</i> (Nashville: Abingdon, vols. I-IV; suplemento, 1976)
<i>IEJ</i>	<i>Israel Exploration Journal</i>
<i>IJH</i>	J.H. Hayes e J. M. Miller, <i>Israelite and Judaeon History</i> (London: SCM Press, 1977)
<i>JANES</i>	<i>Journal of the Ancient Near Eastern Society of Columbia University</i>

<i>JBL</i>	<i>Journal of Biblical Literature</i>
<i>JCS</i>	<i>Journal of Cuneiform Studies</i>
<i>JEA</i>	<i>Journal of Egyptian Archaeology</i>
<i>JNES</i>	<i>Journal of Near Eastern Studies</i>
<i>JQR</i>	<i>Jewish Quarterly Review</i>
<i>JSOT</i>	<i>Journal for the Study of the Old Testament</i>
<i>JSOTSupp</i>	<i>Journal for the Study of the Old Testament, Supplements</i>
<i>JSS</i>	<i>Journal of Semitic Studies</i>
<i>NDB</i>	<i>O novo dicionário da Bíblia</i> (São Paulo: Vida, 2006).
<i>Or.</i>	<i>Orientalia</i>
<i>PEQ</i>	<i>Palestine Exploration Quarterly</i>
<i>POTT</i>	D. J. Wiseman (ed.), <i>Peoples of Old Testament Times</i> (Oxford: Clarendon Press, 1973)
<i>RA</i>	<i>Revue d'Assyriologie et 'Archeologie</i>
<i>RB</i>	<i>Revue Biblique</i>
<i>SOTSM</i>	Society for the Old Testament Study Monographs
<i>TynB</i>	<i>Tyndale Bulletin</i>
<i>TDOT</i>	G. I. Botterweck e H. Ringgren, vols. I-IV (Grand Rapids: Eerdmans, 1977-1990) <i>Theological Dictionary of the Old Testament</i>
<i>TOTC</i>	<i>Tyndale Old Testament Commentary</i>
<i>UF</i>	<i>Ugarit-Forschungen: Internationales Jahrbuch für die Aterumskunde Syrien-Palästinas</i>
<i>VT</i>	<i>Vetus Testamentum</i>
<i>VTSupp</i>	<i>Vetus Testamentum, Supplements</i>
<i>WHJP</i>	A. Malamat (ed.), <i>The World History of the Jewish People: The Age of the Monarchies</i> , vols. IV-V, (Jerusalem, Massada Press, 1979).
<i>ZA</i>	<i>Zeitschrift für Assyriologie.</i>
<i>ZAW</i>	<i>Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft</i>
<i>ZDPV</i>	<i>Zeitschrift des deutschen Palästina-Vereins</i>

Textos e versões

Acad.	Acádio (assírio e babilônico)
ARA	Versão da Bíblia de Almeida Revista e Atualizada
ARC	Versão da Bíblia de Almeida Revista e Corrigida
AV	Authorized (King James) Version, 1611
BJ	<i>A Bíblia de Jerusalém</i> (São Paulo: Paulus, 200?) (JB)
VE	Versões inglesas
GNB	<i>Good New Bible (Today's English Version)</i> , 1976

Heb.	Hebraico
Heb. m.	Hebraico moderno (M.Heb.)
LXX	<i>Septuaginta</i> (versão pré-cristã do AT)
LXX(L)	Recensão de Luciano
MMM	Manuscritos do mar Morto (Cunrã) (DSS)
NASB	<i>New American Standard Bible</i>
NEB	<i>New English Bible</i>
NIV	<i>New International Version</i>
NKJV	<i>New King James Version</i>
NRSV	<i>New Revised Standard Version</i>
NVI	<i>Nova Versão Internacional</i>
OG	<i>Old Greek Translation</i>
REB	<i>Revised English Bible</i> , 1989
RSV	<i>Revised Standard Version</i> , 1952
RV	<i>Revised Version</i> , 1881
Sir.	Siriaco
Targ.	<i>Targum</i>
TM	Texto Massorético (MT)
Ugar.	Ugarítico
Vulg.	<i>Vulgata</i>
5QK	Fragmento dos MMM de Reis da Caverna 5 de Cunrã
6QK	Fragmento dos MMM de Reis da Caverna 6 de Cunrã

Comentários

(mencionados apenas pelo sobrenome do autor)

Burney	C. F. Burney, <i>Notes on the hebrew text of the Book of Kings</i> (1918: repr. Oxford: Oxford University Press, 1983).
Cogan	M. Cogan e H. Tadmor, <i>II Kings</i> , Anchor Bible (New York: Double day, 1988).
DeVries	S. J. DeVries, <i>1 Kings</i> , Word Biblical Commentary 12 (Waco : Word, 1985).
Gray	J. Gray, <i>I & II Kings: A Commentary</i> , Old Testament Library (London: SCM Press, ² 1970).
Hobbs	T. R. Hobbs, <i>2 Kings</i> , Word Biblical Commentary 13 (Waco: Word, 1985).
Jones	G. H. Jones, <i>1 and 2 Kings</i> , Vols. I-II, New Century Bible Commentary (London: Marshall, Morgan & Scott, 1984).
Keil	C. F. Keil, <i>The Books of Kings</i> (1872: repr. Grand Rapids: Eerdmans, 1954).

- Long B. O. Long, *1 Kings with an Introduction to Historical Literature*, The Forms of Old Testament Literature, vol. IX (Grand Rapids: Eerdmans, 1984).
- Montgomery J. A. Montgomery e H. S. Gehman, *Commentary on the Books of Kings*, International Critical Commentary (Edinburgh: T. & T. Clark, 1951).
- Nelson R. Nelson, *First and Second Kings*, Interpretation (Atlanta: John Knox Press, 1987).
- Noth M. Noth, *Könige*, Biblischer Kommentar: Altes Testament IX/I (NeuKirchen-Vluyn: NeuKirchener Verlag, 1968).
- Provan I.W. Provan, *Hezekiah and the Book of the Kings*, Beheifte zur ZAW 172 (Berlin: De Gruyter, 1988).
- Robinson J. Robinson, *The First Book of Kings, The Second Book of Kings*, Cambridge Bible Commentary (Cambridge: Cambridge University Press, 1972, 1976).
- Slotki I.W. Slotki, *Kings* (London: Soncino Press, 1950).

INTRODUÇÃO

Alguns leitores modernos podem não se sentir aptos a abordar Reis, pois nem sempre é fácil fazer a ligação entre os nossos dias e o primeiro milênio antes de Cristo, período em que acontece a história dos antigos reis de Israel e Judá. A narrativa cobre um espaço de tempo de quase quinhentos anos, estendendo-se do início ao ocaso da monarquia. É a história do surgimento e da queda de reinos, de grandes promessas e enormes fracassos, de tragédia, mas também de esperança. O povo escolhido de Deus desviar-se em função da tendência das pessoas de confiarem em si mesmas e, assim, afastam-se do culto a Deus para adorar outros em vez de seguir o próprio Senhor Deus.

I. O valor dos livros de Reis

A história se inicia com o final do reinado de Davi, já estabelecido em Jerusalém, a capital, a partir de onde ele governa uma região que se estende da Síria às cidades-estados da Filístia na costa sudoeste da Palestina, indo até os estados de Amom e Moabe na fronteira transjordânica, ao leste, e até as fronteiras com o Egito, ao sul. Esse crescimento se deu em grande parte em função da fraqueza dos principais poderes daquela época. A Síria ainda não havia se expandido na direção oeste para fazer com que as pequenas cidades-estados de Harã (Damasco) se unissem a Israel para resistir a Salmanasar III em Qarqar em 753 a.C. Somente cerca de um século depois é que os assírios tomaram Damasco e, então, dominaram e gradualmente incorporaram as cidades-estados como vassalas, até que a própria nação de Israel foi tomada no ano 722 a.C. Pouco depois disso, Judá foi invadida (701 a.C.) e colocada debaixo de pressão até que também caiu diante dos babilônios, como herdeiros da Síria, o que fez com que o povo fosse levado para o exílio. Judá sofreu incursões por parte do Egito durante todo esse período. A história de Reis trata, em grande parte, dos relacionamentos entre o povo de Deus e seus vizinhos, tanto ao redor quanto dentro de sua própria terra.

A história de Reis não se propõe a ser um retrato amplo e exaustivo do período, sendo em vez disso uma seleção feita para ilustrar o controle superior de Deus sobre a história, mesmo quando isso não é óbvio aos observadores. O historiador faz isso por meio do uso criterioso de suas fontes e pelo destaque dado à vida de certos indivíduos. Desse modo, Davi, rei de Judá, é o governador ideal ou modelo, e Jeroboão, filho de Nebate, é o exemplo dos reis de Israel que levaram o povo a pecar. Acabe e Jeú são destacados como aqueles que tiveram

um bom início, mas que, apesar das admoestações dos profetas de sua época, não levaram as reformas adiante a ponto de alcançarem uma conclusão final e, desse modo, influenciaram até mesmo Judá a errar e, por fim, a sofrer o mesmo destino de seus vizinhos do norte.

Um dos resultados dessa seletividade (um método comum na historiografia) é que também existe uma ênfase em Salomão, Ezequias e Josias (“o novo Davi”), todos de Judá, e sobre Acabe, como o esperado reformador de Israel, enquanto outros são tratados de maneira bastante resumida. Assim, o afamado governador Onri, rei de Israel, renomado em função de documentos daquela época (e.g., a inscrição no *Mesha* moabita e referências assírias à “casa de Onri”) é citado por alto em apenas oito versículos (1Rs 16.21-28) e o longo reinado de Manassés não chega a ocupar um capítulo inteiro (2Rs 21.1-18).

Reis são uma obra unificada e, conforme defendido aqui, há grandes possibilidades de ser obra de um único historiador. O propósito para o qual o livro foi escrito não está explícito em lugar algum e deve ser deduzido a partir da história como ela se mostra hoje. O livro serve como uma advertência atemporal quanto ao inevitável juízo trazido sobre aqueles que se desviam na adoração e na prática, mas também como encorajamento para seguir a Deus e receber as bênçãos prometidas para aqueles que são obedientes à sua lei, mesmo em momentos de exílio. O livro também é um lembrete do amor e da graça constantes de Deus, ainda que ele seja desprezado. A maior parte do espaço é dado àqueles que, pelo menos inicialmente, foram vistos como os que fizeram “o que era reto perante o SENHOR”, cumprindo de maneira prática sua lei.

Portanto, Reis não são apenas uma crônica — política ou religiosa —, mas uma história “sagrada” com um adequado comentário teológico, ou seja, um comentário religioso sobre a história (v. *Temas e teologia*, p. 19s). Sem a presença dos detalhes, pouco seria conhecido do resultado da experiência do reinado que se seguiu à promessa dada a Davi quanto a uma dinastia eterna. Também não seriam conhecidos ou entendidos aspectos como a sabedoria e o esplendor de Salomão, as grandes façanhas de Elias e Eliseu, o evento e a explicação do exílio de Israel e de Judá e todas as referências feitas a esses eventos em outros lugares das Escrituras. Todos os povos, desde as primeiras sociedades a usarem a escrita, têm feito relatos dos principais eventos que lhes são conhecidos para benefício das gerações seguintes.¹

Como parte da história contínua de Israel desde o tempo do êxodo do Egito, quando, como uma nação, foi chamado de “povo de Deus” até sua queda e dispersão no exílio, Reis não é exceção à regra. Tem-se afirmado que o livro representa também a primeira historiografia contínua e genuína.² Sabe-se

¹ Cf. J. H. Huizinga in R. Klibansky e H. J. Paton (eds.). *Philosophy and History: Essays Presented to Ernst Cassirer* (Oxford: Oxford University Press, 1936), p. 9.

² DeVries, p. xxx.

que muitas das formas literárias usadas eram empregadas entre seus contemporâneos no Oriente Médio antigo. Elas têm em comum a característica de os fatos serem extraídos de fontes diversas, mas autênticas. Ainda que, a essa distância, não seja possível distinguir em detalhes as fontes primárias do historiador (v. Fontes, p. 40-6), não há razão para negar que ele poderia muito bem ter tido acesso a registros objetivos e confiáveis como aqueles que eram normalmente mantidos em arquivos oficiais de uma cidade capital naquele tempo. Isso inclui a lista dos reis, ofícios, relatórios de atividades civis e militares, biografias pessoais e documentos semelhantes. Hoje em dia estão sendo feitas tentativas de se distinguir outros gêneros, e.g., narrativas populares, histórias, lendas e memórias, mas não há unanimidade em relação a isso.³

Reis também contribui para nossa compreensão do ambiente social do período. Ele nos conta alguma coisa sobre aprendizado, escritos e sabedoria (1Rs 3; 4.29-34), lei e justiça (1Rs 3.16-28), assim também como injustiça (1Rs 21); construção do palácio e do templo (1Rs 5—7); dedicação e conservação (1Rs 8) e o perigo da mistura na fé e dos casamentos mistos (1Rs 11.1-13; 2Rs 8.18). Há detalhes sobre comércio internacional (1Rs 5.1-18; 10), os problemas da monarquia e a sucessão levando a intrigas palacianas, rebeliões (1Rs 12.16) e o uso freqüentemente de homicídio e assassinato para remover rivais, especialmente no reino do norte (e.g., 2Rs 8.7-15; 9.14; 30-37; 10.18,19; 15.30). Os freqüentes episódios de fome (1Rs 18.2; 2Rs 6.25-33) e o cerco a Samaria (1Rs 20; 2Rs 6.20—7.10) e Jerusalém (2Rs 18.17), bem como as guerras contra os vizinhos Moabe e Edom (2Rs 14.7) e Harã (1Rs 20; 22.29-36) podem distanciar o leitor dos tristes eventos, mas deve-se lembrar que, embora retratados de acordo com o costume da época, muitos deles seriam classificados hoje como a “expansão colonial” (de Israel em direção a Harã/Síria), como invasão de fronteiras ou até mesmo como a libertação de áreas que estivessem debaixo do domínio de um tirano, acontecimentos comuns nas mesmas regiões hoje em dia. Disputas entre feudos e famílias, tal como os mafiosos da atualidade, levantam questões morais entre nós hoje tanto quanto fizeram entre o povo de Deus nos tempos do Antigo Testamento.

II. Temas e teologia

A apreciação de Reis pode variar de acordo com o ponto de vista assumido pelo comentarista ou pelo leitor com referência ao propósito, ao período e ao local atribuído ao historiador ou ao(s) editor(es). Se o livro for considerado apenas como uma reconstituição posterior de alguns fatos anteriores visando a

³ Long, p. 4-8, 249-64.

encorajar os exilados na Babilônia a entenderem o justo destino do povo de Deus, então a ênfase varia, dependendo de se considerar que o livro vê toda a história como pessimista ou que ele termina com uma nota de esperança de restauração. Por conseqüência, diferentes temas são considerados dominantes. Contudo, a visão assumida aqui é que não existe um único tema principal, mas toda a seleção de eventos e os comentários teológicos sobre eles levam adiante a história verídica de Deus trabalhando e se relacionando com seu povo da maneira como eles haviam experimentado anteriormente.

Muitos temas de importância teológica são visíveis por todo o livro. Alguns serão vistos como frases recorrentes já conhecidas, extraídas da lei (esp. Deuterônomo) ou em experiências recorrentes registradas nas vidas de uma grande quantidade de reis e profetas. Essas ênfases teológicas, como normalmente são descritas, são citadas aqui com propósito de estudo.

(a) Deus na história

Freqüentemente, e com mais ênfase aqui, Deus é tratado como o SENHOR (Javé) Deus (mais de quinhentas vezes). Ele é o SENHOR Deus (1Rs 2.26), o SENHOR dos Exércitos (1Rs 18.15; 19.10,14; 2Rs 19.31). Ele é declarado como o único Deus verdadeiro (1Rs 18.24), incomparável (1Rs 8.23), criador (2Rs 19.15) e doador da vida (1Rs 17.21). Ele está vivo (1Rs 18.15 e a fórmula de juramento “Tão certo como vive o SENHOR” é freqüentemente usada, 1Rs 17.12; 18.10,15; 22.14; 2Rs 2.4,6; 3.14). Deus é visto especialmente como o Deus dos patriarcas (1Rs 18.36) e Deus de Israel (1Rs 1.30,48, *passim*). Desse modo, ele é o Deus de Davi (2Rs 20.5) e Salomão (1Rs 3.3,7; 5.4; 8.28) que se referem a ele como “nosso Deus / SENHOR”, do mesmo modo que o povo faz referência a ele como “nosso Deus” (1Rs 8.59,61,65; 9.9; 10.9). Ele é transcendente (1Rs 8.27; 2Rs 2.1-12) e onipresente (1Rs 8.27; 20.28), mas habita com seu povo (1Rs 8.3,12,57), é visto como entronizado de modo invisível no templo (2Rs 19.15) que leva seu nome (1Rs 5.3,5; 8.43), onde ele deve ser adorado (1Rs 18.12, cf. 2Rs 17.32-34,39,41) e louvado (1Rs 1.48; 8.15,56; 10.9). Seu nome deve ser proclamado a todos (1Rs 8.60; 2Rs 19.19). Como o Deus da lei, ele ordena (1Rs 9.4; 13.21) e exige confiança e obediência (2Rs 18.5-6). Ele se revela por meio de feitos, alguns considerados miraculosos (2Rs 20.11) e revela a si mesmo por meio de seus porta-vozes, os profetas (v. Narrativas proféticas, p. 23-4, 44-6).

Deus é visto na história como aquele que governa sobre os reinos dos homens (2Rs 19.15), levantando reis (contra Salomão, 1Rs 11.23) e controlando o desenrolar dos eventos (1Rs 12.15; cf. 3.13). Ele expulsa algumas nações (2Rs 16.3; 17.8) ou reduz seu território (2Rs 10.32), rejeita outras, removendo-as de sua presença e jogando-as no exílio (2Rs 17.20-23; 23.27) quando elas, por teimosia, recusam-se a servi-lo. É Deus quem manda inimigos para destruir seu povo (2Rs 24.2) e ferir Israel (1Rs 14.15). De fato, o SENHOR pode ser provocado à ira (1Rs 11.9; 16.7,13,26,33; 2Rs 17.11,18). A ele são atribuídos de-

sastres (1Rs 9.9; 2Rs 6.33), tragédia (1Rs 17.20), doença (2Rs 15.15),⁴ fome (2Rs 8.1) e até mesmo morte repentina pelo fogo (2Rs 1.12). Contudo, ao mesmo tempo, Deus é aquele que ouve e responde à oração,⁵ e as orações de Salomão (1Rs 8.22-54) e Ezequias (2Rs 19.14-19) estão registradas. Deus concede libertação (2Rs 13.5; 18.30-35; 19.6,7,35-37), vitória (2Rs 5.1), perdão (2Rs 5.18), sabedoria (1Rs 3.28; 4.29; 5.12; 10.24), seu Espírito (1Rs 18.12; 2Rs 2.16) e poder (1Rs 18.46; 2Rs 3.15).

(b) Deus no julgamento

(i) Deixar de adorar a Deus e de cumprir sua lei foram atitudes que inevitavelmente levaram à tendência de adorar outros deuses e a romper o primeiro mandamento (Dt 5.7). Para muitos, a denúncia da idolatria, juntamente com a inovação — ou a não remoção — dos lugares altos é um tema característico da narrativa.⁶ Certamente é uma razão muito enfatizada para o juízo que caiu tanto sobre Israel e Samaria quanto Judá e Jerusalém.

(ii) É citado o exemplo de reis cujos atos afetaram tanto o bem-estar de suas próprias famílias quanto o de seus sucessores. Nos casos de Jeroboão de Israel (1Rs 12.26-33; 21.21,22) e de Jeú, o efeito daquele pecado durou até a terceira e quarta geração (Dt 5.8,9) e levou à queda de Israel (2Rs 10.30,31; 14.6).

(iii) O tema da lei prevalece como o padrão pelo qual os reis eram julgados e seus reinos avaliados para saber se eles haviam feito o que era “bom” ou “mau” perante o SENHOR (v. avaliação teológica na fórmula real, p. 47-50). O historiador presume em todo lugar que a lei era conhecida ou conhecível, muito embora periodicamente esquecida (2Rs 17.13,35). A lei desempenhava um papel significativo na coroação dos reis (2Rs 11.12) e a aliança era reafirmada em momentos de crise nacional (2Rs 11.17; 2Cr 29.10) ou de contrição (2Rs 23.3), assim como depois de mudanças na liderança nacional (cf. Js 8.30-35; 1Cr 11.3).

(iv) A falha em cumprir a lei e os caminhos de Deus recebem freqüente alusão. Até os mais devotos não foram exceção. Davi errou e foi o responsável pelo derradeiro cisma que se iniciou no reinado de Salomão (1Rs 15.5; 22.43, heb. *raq*, “exceto”). Promovido por Jeú, o retorno temporário da adoração a Javé em Israel fracassou porque ele mesmo não seguiu a lei (2Rs 10.28-31). Antes disso, Josafá, embora considerado correto, é criticado por sua convivência com Acabe e seu filho Jorão, e sua malsucedida empreitada com eles (1Rs 22; 2Rs 3). Apesar de ter confiado em Deus e de ter sido libertado das mãos dos assírios, Ezequias viu suas novas reformas fracassarem devido à mostra de subserviência a outro poder

⁴ O interesse do historiador em várias doenças é consistente em relação aos reis Jeroboão I (1Rs 13.4-6), Asa (1Rs 15.23), Azarias / Uzias (2Rs 15.15) e Ezequias (2Rs 20.1-8), assim como em relação a outros indivíduos como Naamã (2Rs 5) e o filho da sunamita (2Rs 4.8-36). Similar interesse detalhado em doenças é observável nos escritos de Isaías e Jeremias.

⁵ 1Rs 8.22-54; 19.4; 2Rs 6.17; 13.4; 20.2,11.

⁶ DeVries, p. xlvii.

COMENTÁRIOS BÍBLICOS DA SÉRIE CULTURA BÍBLICA

Os comentários da Série Cultura Bíblica foram elaborados para ajudar o leitor a alcançar uma compreensão do real significado do texto bíblico.

A introdução de cada livro dá às questões de autoria e data um tratamento conciso, embora completo. Isso é de grande ajuda para o leitor, pois mostra não só o propósito de cada livro como as circunstâncias em que foi escrito. É também de inestimável valor para professores e estudantes que buscam informações sobre pontos-chaves, pois aí se vêem combinados o mais alto conhecimento e o mais profundo respeito com relação ao texto sagrado.

Veja a riqueza do tratamento que o texto bíblico recebe em cada comentário da Série Cultura Bíblica:

- Os comentários tomam cada livro e estabelecem as respectivas seções, além de destacar os temas principais.
- O texto é comentado versículo por versículo.
- São focalizados os problemas de interpretação.
- Em notas adicionais, as dificuldades específicas de cada texto são discutidas em profundidade.

O objetivo principal dos comentários é buscar o verdadeiro significado do texto da Bíblia, tornando sua mensagem plenamente compreensível.